
ARTIGOS - ARTICLES

Padre Landell: o autor das primeiras transmissões de voz e música por ondas de rádio do mundo

Hamilton Almeida

Jornalista e escritor

hamilton_xxi@yahoo.com

Resumo: O rádio, a mídia de maior penetração no planeta, nasceu de maneira surpreendente: em um país periférico, distante dos grandes centros de ciência. A façanha foi realizada por um padre católico brasileiro que trabalhava sozinho e dispunha de poucos recursos. No final do século XIX, Roberto Landell de Moura foi protagonista de pelo menos duas das mais antigas transmissões de voz por ondas de rádio da história. Lutando contra tudo e contra todos – destruíram os seus aparelhos porque era “um padre que falava com o demônio” – patenteou os seus inventos no Brasil e nos EUA. Mesmo assim, não recebeu nenhum apoio financeiro. É mais um exemplo do conflito secular entre o negacionismo e a ciência.

Palavras-chave: Rádio; Landell; Landell de Moura; Telecomunicações; Wireless.

Father Landell: the author of the world's first transmissions of voice and music over radio waves

Abstract: Radio, the media with the greatest penetration on the planet, was born in a surprising way: in a peripheral country, far from the great centers of science. The feat was accomplished by a brazilian Catholic priest who worked alone and had few resources. At the end of the 19th century, Roberto Landell de Moura was the protagonist of at least two of the oldest voice transmissions over radio waves in history. Fighting against everything and everyone – they even destroyed his devices because he was “a priest who spoke with the devil” – he patented his inventions in Brazil and the USA. Even so, he didn't receive any financial support. It's one more example of the secular conflict between denialism and science.

Keywords: Radio; Landell; Landell de Moura; Telecommunications; Wireless.



A experiência *wireless*

16 de julho de 1899. Na fria manhã de domingo, ilustres personagens se aglomeraram em uma sala de aula do Colégio Santana, zona norte da capital paulista: o fundador e diretor da Escola Politécnica, Antônio Francisco de Paula Souza, empresários, o gerente da Companhia Telefônica, funcionários do Telégrafo Nacional e jornalistas de O Estado de S.Paulo, Correio Paulistano e O Commercio de São Paulo, entre outras pessoas.

Todos foram atraídos por um convite do pároco da Capela de Santa Cruz e capelão do colégio, então denominado das Irmãs de São José, que prometia realizar uma “experiência de telefonia sem fios” com artefatos que ele próprio havia criado. Telefonia sem fio era o nome que, no final do século XIX, se dava para o que seria o rádio.

Por volta das 9 horas, o anfitrião fez uma preleção destacando que o sistema por ele engendrado “é muito diferente do processo inventado por Marconi”. E era mesmo: Marconi transmitia sinais em código Morse e não a voz humana sem fio.

Depois, o sacerdote agarrou o longo tubo da engenhoca e colocou a voz em ondas de rádio:

– Toquem o Hino Nacional.

Na outra ponta de recepção/irradiação, instalada a quase 4 km dali, na Ponte Grande (atual Ponte das Bandeiras), sobre o rio Tietê, o som do Hino Nacional foi gerado, provavelmente, por um gramofone com um disco plano, acionado por uma manivela. A música aturdiu os ouvintes, ao lado do sacerdote.

Embora a solenidade tenha sido cuidadosamente organizada., o inventor não recebeu o patrocínio que precisava para desenvolver a máquina que falava. (ALMEIDA, 2022, p. 63-66).

O “aparelho não pode ainda ter aplicação”, alguém escreveu (JORNAL DO BRASIL, 1899, p.1). Mesmo sem ter assistido à experiência, um advogado e jornalista criticou: “O ilustre sacerdote descobriu a pólvora, porque, se já há telégrafo sem fios, existe forçosamente telefone sem os ditos” (O COMMERCIO DE SÃO PAULO, 18 JUL 1899, p. 1).



Figura 1. Padre Landell, o gênio injustiçado. Acervo IHGRGS.



Figura 2. Uma dessas janelas do Colégio Santana serviu de ponto de transmissão e recepção da pioneira experiência pública de voz via rádio. Foto do autor.



Figura 3. Uma das salas de aula de educação infantil do Colégio Santana. Em uma delas, Padre Landell reuniu autoridades, em 1899, para realizar a experiência wireless. Foto do autor.

O telefone sem fios (voz via rádio) era uma novidade mundial e foi implacavelmente ignorado por um formador de opinião. O físico canadense Reginald

A. Fessenden só executaria uma difusão de voz em dezembro de 1900! Foi ele quem sucedeu Landell entre os pioneiros do ramo. Mas, para parte do mundo, ele é o inventor do rádio justamente por causa desse experimento.

Padre Landell repetiu a experiência *wireless* em 3 de junho de 1900, desta vez ligando o Colégio Santana à Avenida Paulista (8 km em linha reta), tendo entre os espectadores o cônsul britânico, Percy Charles Parmenter Lupton E, mais uma vez, não conseguiu patrocínio (JORNAL DO COMMERCIO, 10 JUN 1900, p.1).

Com essas transmissões ponto a ponto, “Padre Landell se aproximou do que, mais de uma década depois, ganhou a denominação de *broadcasting*”, afirma o professor Luiz Artur Ferraretto, do curso de jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No ano do quarto centenário do descobrimento do Brasil, a Europa dominava o mundo e o imperialismo, o nacionalismo, o marxismo e o expressionismo eram os movimentos predominantes. A análise científica era empregada largamente em todas as atividades. O racionalismo desafiava os dogmas religiosos. O pensamento de Friedrich W. Nietzsche, de contestação aos valores da sociedade, fazia parte de uma atmosfera de protesto que revolucionava as artes. Zeppelin fez o primeiro voo experimental. Pierre e Marie Curie pesquisavam a radioatividade. Santos-Dumont ocupava-se, em Paris, na construção do balão dirigível n.º 4. Hearst e Northcliffe marcavam uma nova era da comunicação de massa com jornais sensacionalistas e populares. Nas telecomunicações, investigava-se, mas ninguém ainda, à exceção do Padre Landell, conseguira obter sucesso nas transmissões da voz humana a distância sem fio condutor.

Em 1900, São Paulo transformava-se rapidamente, com grande número de imigrantes europeus. A cidade crescia. Tinha 239 mil habitantes (21 mil edificações); o Estado, 2,2 milhões. E a nação, ao redor de 17,3 milhões. A maior cota da população vivia no campo (ALMEIDA, 69-70).

Uma revolução

O uso da eletricidade revolucionou as comunicações no século XIX. Foi com esse recurso que o norte-americano Samuel Morse inventou, em 1837, o telégrafo com fio. Ele criou um código de pontos e traços, que leva o seu nome, para que as mensagens pudessem ser enviadas. As linhas telegráficas uniram cidades; e os cabos submarinos, os continentes. A cobertura da imprensa foi ampliada consideravelmente. A “aldeia global”, conceito parido nos anos 1960 pelo canadense Marshal McLuhan, estava em gestação, na segunda metade do século XIX.

Ainda com fios, o italiano Antonio Santi Giuseppe Meucci e o escocês Alexander Graham Bell foram mais além ao transmitirem a voz humana. Meucci construiu um telefone eletromagnético em 1856. Não teve, entretanto, condições financeiras para patentear-lo, o que foi logrado por Bell 20 anos mais tarde. O telefone com fios se consagraria e agora é chamado de telefone fixo.

A era *wireless*, que bem caracteriza os tempos atuais, teve as suas raízes fincadas há quase 130 anos. Na Itália, Guglielmo Marconi, com apenas 21 anos, inventou um sistema de envio de mensagens a distância sem fio, em 1895, na Vila de Pontecchio, próximo a Bolonha. As transmissões eram feitas por meio de sinais binários do código Morse. O primeiro sinal de rádio, emitido na Primavera daquele ano, alcançou uma centena de metros.

No ano seguinte, Marconi patenteou a radiotelegrafia na Inglaterra e partiu para a comercialização, em empresas de Correios e de navegação. A aparelhagem requeria operadores especializados. Os textos tinham que ser codificados e, quando chegavam à estação receptora, eram decodificados.

Logo após Marconi ter inaugurado a era sem fio, muito ainda tinha que ser feito para aperfeiçoar e expandir a radiotelegrafia. Ele precisou de quatro anos para conseguir enviar sinais além do horizonte, cruzando o Canal da Mancha, um trecho de 60 quilômetros, aproximadamente. Quando os sinais atravessaram o Oceano Atlântico pela primeira vez, em 1901, o New York Times alardeou que aquele era “o desenvolvimento científico mais maravilhoso dos últimos tempos”.

Foi um apreciável avanço da tecnologia. Com pouco mais de meio século de existência, a telegrafia com fios, que implicava a instalação de uma custosa infraestrutura de postes e fios e serviços de manutenção, foi ficando para trás. O passar dos anos confirmaria o sucesso da radiotelegrafia, que se mostrou capaz de levar as mensagens cada vez mais longe, vencendo entraves reais e imaginários: a curvatura da Terra, o oceano... (ALMEIDA, 2022, p. 41-46).

Na esteira desses acontecimentos, um desafio ainda maior despontava no horizonte: transmitir a voz pelo ar ou, como se dizia, pelo éter – a radiotelefonía ou telefonía sem fio. Cientistas europeus e da América do Norte se debruçaram nessas pesquisas, a nova fronteira da ciência, estimulados pelo “Tratado da eletricidade e do magnetismo”, do escocês James Clerk Maxwell, de 1873, que previu a existência de ondas eletromagnéticas, e pelo trabalho do físico alemão Heinrich Hertz, que, em 1888, detectou a existência de ondas de rádio. Até então, a luz visível e os raios infravermelhos e ultravioleta eram as únicas ondas conhecidas do espectro eletromagnético (HALLIDAY, p.2).

O progresso da telegrafia com fio para o telefone tardou quase 40 anos. Do telefone para a telegrafia sem fio foram quase 20 anos. E da radiotelegrafia para a radiotelefonía demorou muito menos, quatro anos, porque um padre brasileiro largou na frente na corrida pela transmissão sem fio da voz.

O protagonista

Roberto Landell de Moura nasceu em 21 de janeiro de 1861, em Porto Alegre, então com 40 mil habitantes. O país governado pelo imperador Dom Pedro II abrigava em torno de 8,5 milhões de pessoas e se destacava pela produção de café e cana-de-açúcar e pecuária de gado. A maioria da população vivia nos campos; a mão de obra escravizada preponderava. As famílias eram numerosas, patriarcais e católicas (FREYRE, 2008). O telégrafo elétrico, com fios, era o sistema de comunicação mais moderno.

Os seus pais, Ignacio José Ferreira de Moura (1829-1904) e Sara Marianna Landell de Moura (1832-1926), tiveram 14 filhos. Roberto foi o quarto descendente e precocemente manifestou interesse por temas científicos. Aos 16 anos, fez composições químicas e construiu um telefone. O impressionante é que isto verificou-se em 1877, quando a criação de Graham Bell tinha apenas um ano e estava chegando ao país por iniciativa do imperador!

Com um sistema de ensino retórico e livresco, o Brasil não oferecia um ambiente adequado para o desenvolvimento científico. Naquele instante, a vocação do jovem Roberto tinha tudo para dar errado. Entretanto, ao cursar o seminário na Itália, ele completou a sua formação estudando física e química, por vontade própria, na Universidade Gregoriana.

Ordenado sacerdote em Roma, no final de 1886, começou a exercer as atividades religiosas no Rio Grande do Sul, aos 26 anos, já tendo em mente a comunicação através do éter.

Por volta de 1893, pediu subsídios à Igreja, para elaborar equipamentos de telegrafia e telefonia sem fio (rádio). Não teve sucesso. Foi a primeira das muitas negativas que viriam pela frente. (ALMEIDA, 2022, p.30-38)

O talento inventivo do Padre Landell reluziu nos primeiros anos da República, cuja Proclamação, em 1889, representou a ascensão do positivismo ao poder e o nascimento do Estado laico. Ser padre e cientista não era visto com simpatia pela Igreja nem pela sociedade. Ele divergia:

Desejo mostrar ao mundo que a Igreja Católica não é inimiga da ciência e do progresso humano. (...) Eu mesmo me encontrei em oposição com os meus irmãos na fé. No Brasil, uma multidão supersticiosa, acusando-me de estar em parceria com o diabo, invadiu o meu escritório e quebrou os meus aparelhos. Quase todos os meus amigos de educação e inteligência, dentro ou fora das ordens sagradas, olhavam as minhas teorias como contrárias à ciência. Eu sei o que é se sentir como Galileu e gritar: *E pur si muove*. Quando todos eram contra mim, eu simplesmente mantive a minha po-

sição e disse: “Isto é assim, isto não pode ser de outro modo” (NEW YORK HERALD, 1902, fifth section).

A destruição pode ter ocorrido em Campinas, onde, de 1894 a 1896, ele desenvolveu teorias inovadoras e previu a possibilidade das comunicações interplanetárias. Padre Landell acreditava, muito antes dos demais cientistas, que as ondas de rádio não tinham limites, podendo chegar ao infinito. Um fato, aliás, confirmado inúmeras vezes pela Nasa, a agência espacial norte-americana.

Em 14 de junho de 1899, o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, publicou, na capa, sob o título “O Teléforo”, que Padre Landell, 38 anos, já havia conseguido transmitir a palavra a uma distância superior a sete mil metros, “servindo-se do éter, das correntes telúricas e do ar eletrizado”.

Mencionou também que,

Nas diversas experiências executadas recentemente, (...) colocando-se vários receptores, dentro do mesmo campo de recepção, alguns metros separados uns dos outros, todos eles recebem ao mesmo tempo, com a mesma clareza, a palavra transmitida. Deste resultado, que se saiba, não o obteve sábio algum, nem no velho nem no novo mundo, cabe ao Padre Landell toda a glória da invenção.

O infatigável homem de ciência” não chegou a esses resultados com apenas um salto. “Há muitos anos que faz experiências e estuda metodicamente, entregando-se inteiramente à consecução do triunfo que acaba de conseguir” (JORNAL DO COMMERCIO, 1899, p. 1).

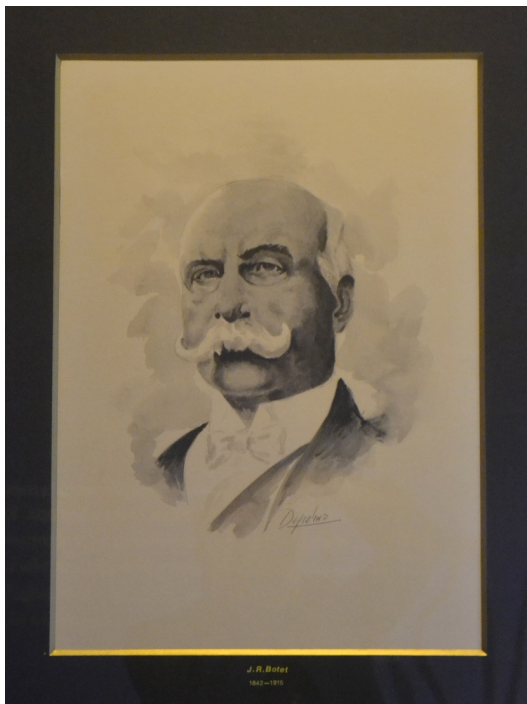


Figura 4. O engenheiro espanhol José Rodrigo Botet testemunhou as pioneiras transmissões de rádio do Padre Landell. Imagem cedida por Pepe Esteve Navarro

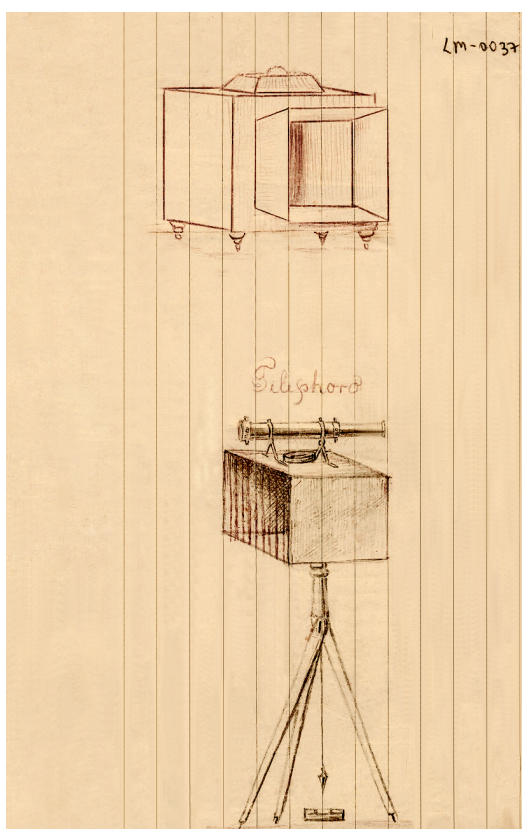


Figura 5. O Teléforo, desenhado pelo padre inventor. Acervo IHGRGS.

Exilado político na América do Sul, o engenheiro espanhol José Rodrigo Botet, inventor e empresário, declarou, em dezembro de 1900, que vinha acompanhando “passo a passo” os estudos do Padre Landell “de seus diversos inventos sobre telegrafia e telefonia, com fios ou sem eles” e que foi “testemunha presencial de várias experiências, todas de prodigiosos resultados”.

Com eloquência, traçou um retrato pungente daquele momento histórico em que havia muitas pedras no caminho do inventor do rádio:

Quantos e que cruéis sacrifícios de tempo, de dinheiro e de saúde custam ao Revmo. Padre Landell as suas invejáveis conquistas científicas! Quantas e que amargas decepções experimentou, ao ver que o Governo e a imprensa de seu país, em lugar de o alentarem com o aplauso, incentivando-o a prosseguir na carreira triunfal, fizeram pouco ou nenhum caso de seus notáveis inventos!

Se o Revmo. Padre Landell houvesse nascido na Inglaterra, Alemanha ou Estados Unidos, tudo seria diferente. Assim que as suas tentativas de radiotelegrafia indicassem um bom caminho, iriam lhe prestar todo o gênero de recursos, até que chegassem a uma feliz conclusão as suas descobertas científicas. Mas o Revmo. Padre Landell é brasileiro, e do Brasil já disse o famoso naturalista Agassiz que “tudo é grande, menos os homens” (BOTET, 1900, p. 2).

Botet revelou também o que o artífice pensava a respeito da sua situação. A frase do suíço Agassiz, que viajou pelo Brasil entre 1865-66, foi “imediatamente contestada, com a bondade angelical que o caracteriza”:

– Não, meu amigo, não é em tudo certa a apreciação do sábio naturalista, e ainda menos aplicando-a no meu caso pessoal. (...) O que acontece é que estes (os brasileiros), com raras exceções, não têm toda a capacidade científica necessária para me acompanhar nas diversas fases que revestem o estudo e a resolução dos complicados problemas que tenho nas mãos. É óbvio que aqueles que não compreendem bem uma razão científica não podem enquadrá-la em seu justo mérito, nem tampouco aplaudir-me e ajudar-me com recursos para prosseguir estudando e trabalhando, pois talvez suponham que vivo sonhando entre utopias científicas de utilidade aparente (BOTET, 1900, p. 2).

Apenas seis meses decorridos da segunda exibição *wireless*, o gênio parecia vergado pelo injusto destino:

Abrigo, a consoladora esperança de que, em breve prazo, as minhas obras científicas brilharão como o Sol do meio-dia, em virtude da sorte de outros inventores que, mais afortunados do que eu, irão descobrindo meus próprios inventos, concebidos e executados por minhas próprias mãos na solidão da minha reduzida e pobre oficina, onde a ciência manda e a experiência executa, antes de os sábios da Europa e da América darem forma tangível, útil e aplicação pública a obras iguais ou similares às minhas.

Eu bem sei que, em coisas de ciência, o que avança em relação à sua época, não deve esperar justiça dos contemporâneos (BOTET, 1900, p. 2).

A expectativa era de que seus estudos pudessem resultar “em proveito e glória da Pátria e em holocausto ao Supremo Deus”, que o inspirou nas investigações. Só assim, arrematou, se sentiria “recompensado das pesadas vigílias e do contínuo trabalho”.

Para Botet, o mérito dele era muito maior, quando se considerava que os inventores europeus e norte-americanos dispunham de “operários mecânicos inteligentíssimos” e de fábricas e laboratórios onde podiam escolher as peças necessárias. Padre Landell concebia e executava os aparelhos, “sendo por sua vez o que inventa, o engenheiro que calcula e o artista que forja e ajusta todas as peças de mecanismos complicadíssimos”.

Recompensando o seu árduo trabalho, obteve, em 9 de março de 1901, a carta patente número 3.279, no Rio de Janeiro, a capital da República, para um “aparelho destinado à transmissão fonética a distância, com fio e sem fio, através do espaço, da terra e do elemento aquoso”. O memorial descritivo diz:

Com este aparelho pode-se projetar pelo espaço a voz a distâncias bem regulares. Funciona com sol, chuva, tempo úmido e forte cerração, como também com vento contrário se usarmos de placas automáticas e, nestes dois últimos casos, a distância a que se pode chegar é verdadeiramente prodigiosa. No mar, quando há cerração,

e nas regiões calmas, este aparelho pode prestar muito bons serviços (PATENTE n. 3279, 1901, p. 1).

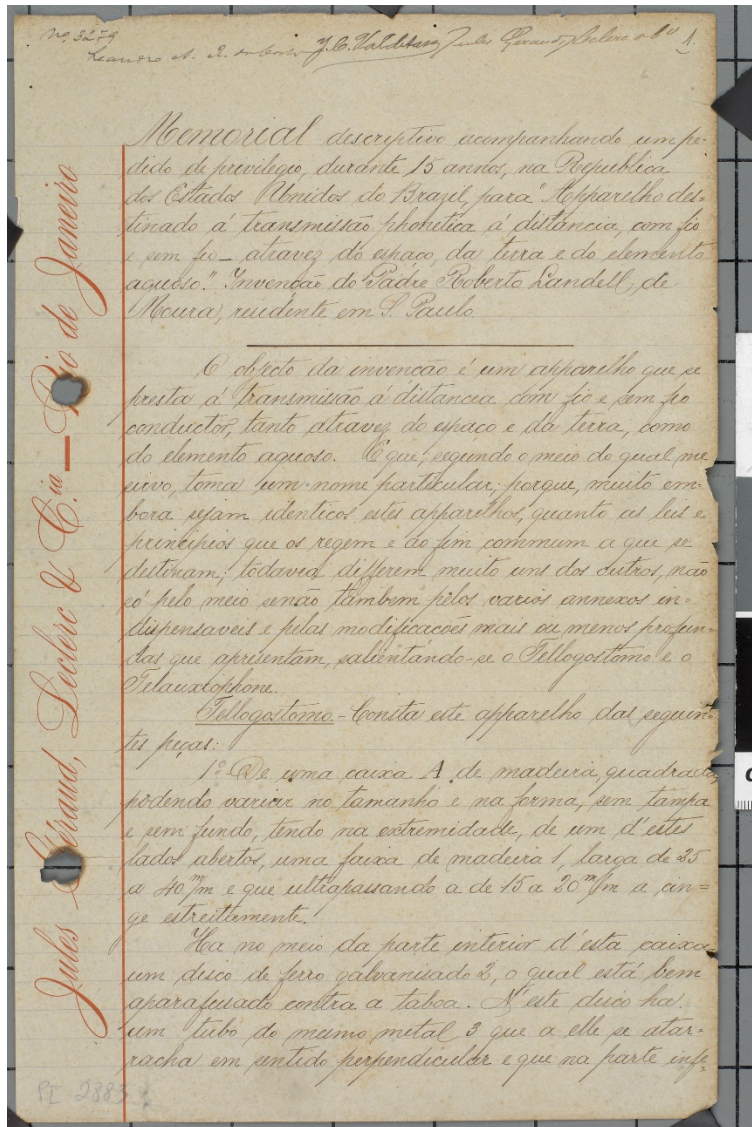


Figura 6. Primeira página da patente brasileira. Reprodução do autor. O original está no Arquivo Nacional (RJ).

Esse documento pode ser considerado a “certidão de nascimento do rádio”. O registro de invenção similar, de Fessenden, é de 8 de março de 1904: *Wireless signaling*. Em dezembro de 1906, o canadense aperfeiçoou o invento e transmitiu sons musicais e mensagens de voz entre navios no litoral do estado da Virgínia, na costa leste dos EUA.

Outras iniciativas: o dinamarquês Valdemar Poulsen emitiu, em 1902, uma onda modulada de voz entre Copenhague e Berlim; nesse mesmo ano, o espanhol Julio Cervera Baviera uniu Jávea e Ibiza por ondas eletromagnéticas; em abril de 1903, o professor e físico italiano Quirino Majorana remeteu uma mensagem radiotelefônica a 65 milhas; em 1907, foi a vez de o norte-americano Lee de Forest transmitir os resultados de uma competição esportiva: a pioneira ship-to-shore radio broadcast. Marconi também efetuou ensaios do gênero, porém só em 1914, em Spezia, quando enviou a palavra pelo ar a 71 km (ALMEIDA, 2022, p. 67, 154, 167).

Muitos testes de radiodifusão seriam realizados ao longo de duas décadas até o surgimento daquela que é apontada por muitos autores como a primeira rádio comercial, a KDKA, nos Estados Unidos, em 2 de novembro de 1920.

A Rádio Clube de Pernambuco, que só começaria a fazer difusões constantes em outubro de 1923, foi pensada como um clube de rádio antes mesmo da estreia da KDKA. Em 6 de abril de 1919, “amadores de telegrafia sem fio”, comandados por Augusto Pereira, fundaram a emissora em Recife, que funciona até hoje. Inicialmente, as irradiações eram avulsas, sem hora certa.

O “pioneirismo universal” nas emissões planejadas coube, entretanto, ao engenheiro holandês Hanso Idzerda, conforme obra de Mário Ferraz Sampaio. Após fazer experimentos de radiodifusão em novembro de 1918, o serviço contínuo de transmissões foi inaugurado em 6 de novembro de 1919, em Haia, na Holanda.

Nos Estados Unidos

Sem nenhum apoio, com (poucos) recursos próprios, Padre Landell viajou para os Estados Unidos, em julho de 1901. O plano, e a licença da Igreja, era para ficar um ano. Porém, registrar patentes no United States Patent Office, em Washington, D.C., demandaria muito mais tempo, dinheiro, serviços de advocacia, explicações técnicas cada vez mais detalhadas e até mesmo uma exibição prática.

Em meio a essa luta, adoeceu de pneumonia e teve que ficar vários meses em tratamento, em Cuba. Com a ajuda do amigo Daniel Tamagno, comerciante em Nova York, para quem chegou a dever pelo menos US\$ 4 mil (cerca de US\$ 120 mil, em valores atualizados), o seu objetivo se concretizou.

Em 1904, recebeu três patentes: Wave transmitter, Wireless telephone e Wireless telegraph. Para a transmissão de mensagens, Padre Landell utilizou ondas de rádio e de um feixe de luz – o mesmo princípio que aperfeiçoou as comunicações modernas, empregando-se o laser e as fibras ópticas.



Figura 7. Carta patente do Wave transmitter, o precursor do rádio.

Acervo IHGRGS.



Figura 8. Carta patente do Wireless telephone, aparelho que utilizava a luz para enviar mensagens. Acervo IHGRGS.



Figura 9. Carta patente do Wireless telegraph, telégrafo sem fio.

Acervo IHGRGS.

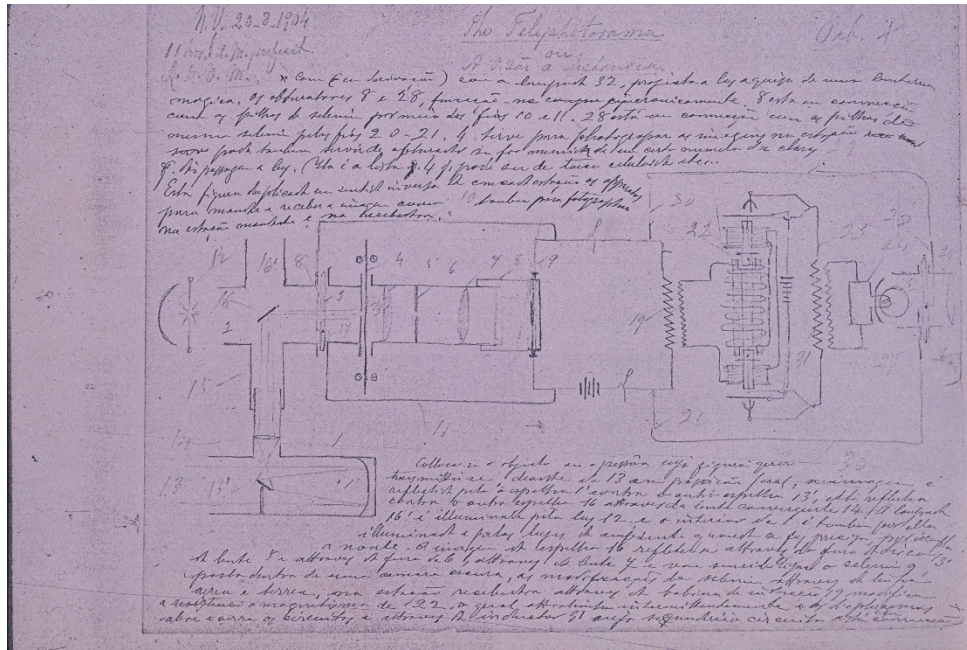


Figura 10. Manuscrito do The Telephotorama: Padre Landell começou a projetar a televisão em 1904. Acervo IHGRGS.

Transmitiu, de forma pioneira, em ondas contínuas, que são empregadas atualmente e eram superiores às ondas amortecidas utilizadas nos primórdios das radiocomunicações por outros cientistas. Também recomendou o emprego das ondas curtas para aumentar a distância das transmissões, o que só seria adotado duas décadas mais tarde!

Quando patenteava tudo isso, o brasileiro também se dedicou a inventar mais. Em 1904, projetou a televisão (batizada de The Telephotorama ou A visão à distância) e o teletipo ou mesmo o controle remoto pelo rádio. O escocês John Logie Baird faria uma exibição da TV em 1926. O telex ou teletipo seria produzido nos Estados Unidos em 1912, pela Morkrum Company. O croata Nikola Tesla já havia sido precursor no controle remoto de veículos pelo rádio, em 1898 (ALMEIDA, p.85, 92, 99-100, 113-114).

Regressou ao Brasil no final de 1904, aos 43 anos, acalentando a expectativa de voltar a Nova York três meses mais tarde para prosseguir os estudos:

Mas o homem põe e Deus dispõe. Por motivos inteiramente alheios à minha vontade, não pude voltar. Tive que permanecer no Brasil, forçado também a abandonar os meus estudos experimentais e meios indispensáveis à prática dos mesmos. (...) Os aparelhos precisavam ter um fim prático e comercial. Não foi possível. Paciência (ÚLTIMA HORA, 1924, p. 1).

Com um fio de esperança, foi ao Rio de Janeiro solicitar dois navios da Marinha para fazer uma demonstração do que possuía. Por essa época, o Brasil já havia contratado a importação de estações radiotelegráficas da alemã Telefunken. Quando o representante do governo soube que ele desejava a maior distância possível entre os navios, fora da Baía de Guanabara, e em alto-mar, achou que estava diante de um padre maluco. O assunto não foi levado adiante (FORNARI, 9-71).

Recém-chegado de Nova York, foi nomeado pároco na acanhada Botucatu, um vilarejo empoeirado, sem água encanada e nem energia elétrica, a 242 km da capital bandeirante. De lá, fez a derradeira tentativa: apresentou uma petição na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no final de 1905, “solicitando auxílio pecuniário a fim de prosseguir nos estudos tendentes a pôr em prática os seus sistemas de telegrafia e telefonia”.

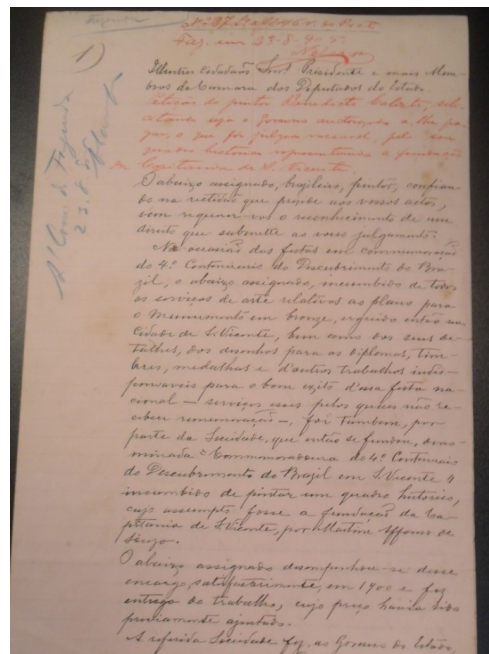


Figura 11. Primeira página da petição solicitando recursos à Assembleia Legislativa de SP para produção e comercialização do rádio. Acervo ALESP.

O pedido para produção e comercialização do rádio foi encaminhado à Comissão de Fazenda e Contas que, após sete meses, em 20 de julho de 1906, o refutou sem explicações. Assim, o propósito de lançar o rádio no mercado brasileiro antes de qualquer outro país do mundo virou pó. E o vento levou... (ALMEIDA, 2022, p.141-143).

A angústia final

Com o passar do tempo, o rádio seria desenvolvido por empresas do Primeiro Mundo, como a Westinghouse e a Western Electric, que viabilizaram a festajada radiodifusão de 1922: no dia 7 de setembro, na exposição do centenário da Independência, no Rio de Janeiro, a primeira mais ampla experiência do gênero no país foi realizada com equipamentos importados por aquelas empresas; transmitiram o discurso do presidente Epitácio Pessoa e o som da ópera Guarani, entre várias atrações (JORNAL DO COMMERCIO, 1922, 175-176).

Padre Landell atuou ainda em outras cidades do interior do Estado de São Paulo: após ter praticado um exorcismo em Mogi das Cruzes (1906-7), foi transferido para um núcleo rural, em Caconde, onde não ficou três meses. Voltou para a terra natal para ser pároco no Menino Deus (1908-15) e na igreja do Rosário (1915-28). No último período de vida, dedicou-se a outros estudos, fora das telecomunicações. (ALMEIDA, 2022, pg.145-153, 168)

Física, química, biologia, filosofia, psicologia, parapsicologia e medicina homeopática estavam em suas esferas de interesse. Deixou vários cadernos manuscritos com dissertações sobre esses assuntos. Como religioso, foi muito caridoso e fundou várias instituições filantrópicas. Mesmo sendo profundamente fiel às crenças católicas, foi acusado por alguns de ser espírita, ter pacto com o demônio, ser louco etc.

Padre Landell foi uma espécie de “Leonardo da Vinci brasileiro”¹, como, certa vez, comentou o renomado professor emérito da USP, Crodowaldo Pavan, um dos grandes nomes da ciência brasileira.

O padre inventor faleceu em 30 de junho de 1928, em Porto Alegre, de tuberculose. A brilhante carreira de cientista estava praticamente esquecida de todos. Na verdade, havia sido sepultada muito tempo antes.

Naquele fim de tarde de sábado, emissoras de rádio se espalhavam em todos os continentes, o teletipo era aperfeiçoado e a televisão estava sendo inventada.

A mágoa diante da injustiça ficou guardada em um dos seus cadernos de anotações. O texto “Uma pergunta patriótica” foi redigido na terceira pessoa:

Quem foi que inventou a telefonia sem fio? A telefonia sem fio, tanto a acústica como a ondulatória luminosa e elétrica ou magnética, foi o autor destas linhas. A acústica, que consiste na transmissão da voz através do ar, ele a conseguiu mediante um aparelho acústico com o qual ele transmitia e recebia a voz humana. A luminosa mediante os raios ou a luz abundante em raios actínicos e ultravioletáceos e uma propriedade do selênio por ele descoberta. A elétrica ou magnética mediante ondas elétricas especiais por ele descobertas e seu transmissor fonomicrofone por ele inventado e a sua lâmpada reveladora das ondas elétricas.

Além dessas invenções sobre telefonia sem fio, o autor dessas linhas foi o inventor do sistema das ondas reflexas e o descobridor dos receptores baseados no magnetismo e na sinderese magnética. Tudo quanto acaba de expor poderá ser confirmado com as três patentes que foram concedidas pelo Governo dos Estados Unidos do Norte, as quais cobrem várias invenções. (...)

Assim é que o que foi Santos-Dumont para a navegação aérea quanto ao mais leve e o mais pesado, foi o autor dessas linhas para a transmissão sem fio tanto do sinal inteligente como da palavra articulada. Santos-Dumont está bem, porém o seu colega contem-

¹ Comentário feito durante aula-conferência do autor sobre o Padre Landell, promovida pelo Núcleo José Reis de Divulgação Científica da ECA/USP, em agosto de 2006.

porâneo vive esquecido porque cometeu um crime, o de querer sair da sacristia para mostrar ao mundo que a religião nunca se opôs ao progresso da humanidade (...) Tudo quanto tem feito o autor destas linhas obedece às suas teorias sobre a unidade das forças e harmonia do universo, outrora muito combatida (MOURA).

REFERÊNCIAS

A Imprensa. Rio de Janeiro, ano 2, n. 283, 16 jul. 1899, p. 1.

ALMEIDA, Hamilton. *Padre Landell: o brasileiro que inventou o wireless*. Florianópolis: Editora Insular, 2022.

Annaes da Sessão Extraordinária e Ordinária de 1905. São Paulo: ALESP, p. 652-653.

A radio-telephonia e o telephone alto-falante. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: 8 e 9 set 1922)

As grandes invenções da humanidade. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009, v. 3, p. 238.

BELLIS, M. *Meucci inventou o telefone antes de Alexander Graham Bell?* Disponível em: http://inventors.about.com/library/inventors/bl_Antonio_Meucci.htm Acesso em: 27 out. 2020.

BOTET, J.R. El Gouraudphono. *La Voz de España*. São Paulo, 16 dez. 1900, p. 2.

CACCIALUPI, P. *Il dominatore dell'infinito*. Milano: La Prora, 1938, p. 153.

CONCINA, U. Marconi e la T.S.F. In: *Novissima Enciclopedia Monografica Illustrata*. Firenze: Casa Editrice Nemi, 1928, p. 57.

Correio Paulistano. São Paulo, ano 46, n. 12.883, 16 jul. 1899, p. 1.

EM busca da sciencia e das leis que régem a natureza. “Última Hora” ouve o notavel sabio conego Landell de Moura sobre a prioridade da descoberta da radio-telephonia e radio-telegraphia. Essa descoberta pertence ao nosso eminente patriótico. *Última Hora*. Porto Alegre: ano 10, n. 415, p. 1, 13 nov. 1924.

Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1967, v. 11, p. 6114 e 6117.

FORNARI, E. *O incrível Pe. Landell de Moura: História triste de um inventor brasileiro*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1960, p. 37-39, 44-45, 69-71.

FREYRE, G. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Tradução: Walde-
mar Valente. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2008.

Grande Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1971, v. 9, p. 4282.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. *Fundamentos de física: óptica e física moderna*. Tradução: Ronaldo Sérgio de Biasi. 10. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2016, v. 4, p.2.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, ano 79, n. 196, 16 jul 1899, p. 1.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, ano 80, 10 jun 1900, p. 2.

Livro de paróquias nº 1. *Arquidiocese de São Paulo 1880-1905*. São Paulo: Arqui-
vo da Cúria Metropolitana de São Paulo, cota nº 8-2-23, p. 80 verso.

MOURA, Roberto Landell de. *Caderno de anotações: Uma pergunta patriótica*
(19-?)

O Commercio de São Paulo. São Paulo, ano 7, n. 1909, 17 jul. 1899, p. 1.

O Commercio de São Paulo, São Paulo, ano 7, n. 1910, 18 jul.1899, p.1.

O Estado de S.Paulo. São Paulo, 16 jul. 1899, p. 1.

O telephone sem fios. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 9, n. 198 , 17 jul. 1899,
p. 1.

O Teleforo. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 79, n. 164, 14 jun. 1899, p.
1.

Patentes históricas: la radio. In: *Patentes y Marcas*. Blog sobre Propiedad Industri-
al. Madrid. Disponível em: [http://www.madrimasd.org/blogs/patentesymarcas/
2014/patentes-historicas-la-radio/](http://www.madrimasd.org/blogs/patentesymarcas/2014/patentes-historicas-la-radio/) Acesso em: 27 out. 2020.

PIERROT, F. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, ano 7, n. 1910, 18 jul.
1899, p. 1.

SAMPAIO, M. F. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo (memórias de um pioneiro)*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1984, p. 66, 74-75.

TALKING over a cap of miles along a ray of light. Brazilian priest's invention
New York Herald. New York, 12 out. 1902.

WIRELESS signals across the ocean. Marconi says he has received them from
England. *New York Times*. New York, 15 dez. 1901.